

RESENHA

BETH CARVALHO: DE PÉ NO CHÃO Leonardo Bruno. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

Cleonice Elias da Silva ¹



10.23925/2176-4174.36.2025e70148

Recebido em: 29/01/2025.

Aprovado em: 10/04/2025.

Publicado em: 13/04/2025.

O disco *De pé no chão* e a promoção de uma revolução musical

A editora carioca Cobogó tem uma coleção chamada *O livro do disco*, por meio dela, são publicados livros sobre discos que de alguma forma marcaram, em diferentes aspectos, a História da música brasileira. Entre os livros da referida coleção, está o *Beth Carvalho: De pé no chão*, de autoria do jornalista, escritor e roteirista Leonardo Bruno, um estudioso do samba e da trajetória artística de Beth Carvalho. Com uma produção significativa, ele é autor dos livros *Zeca Pagodinho – Deixa samba me levar* (2014), *Canto de rainha* (2021), *Três poetas do samba-enredo* (2021). Ele assinou o roteiro da série televisiva *O samba me criou* e o do filme *Andança - Os encontros e as memórias de Beth Carvalho* (Pedro Bronz, 2022). Apresentou o programa *Roda de Samba Ao Vivo*, e foi colunista do jornal *Extra*, escrevendo semanalmente sobre as escolas de samba. É um dos pesquisadores do Observatório

¹ Doutorado em História (PUC). Universidade Estadual do Norte do Paraná. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3830-9225> . E-mail: cleoelias28@gmail.com

do Carnaval, do Museu Nacional (UFRJ), e é, também, jurado do prêmio Estandarte de Ouro, do jornal *O Globo* e comentarista de carnaval da TV Globo.

Beth Carvalho: De pé no chão, publicado em 2022, não apresenta apenas aspectos de um momento da carreira de Beth Carvalho, mas de muitos outros sambistas frequentadores das rodas de samba do Cacique de Ramos. O disco *De pé no chão* foi lançado em 1978, e promoveu a inserção no mercado fonográfico nacional do novo estilo de tocar samba dos caciqueanos. Ele pode ser considerado um divisor de águas na História do samba, uma vez que ele é responsável por difundir o “pagode carioca”, para além das rodas de samba realizadas às quartas-feiras no Cacique de Ramos.

Beth dizia ter alma de pesquisadora, esforçava-se por valorizar a produção musical de compositores, entre eles, muitos ainda não eram conhecidos pelo grande público. Essa sua característica contribuiu para que ela tivesse um papel no processo de reconhecimento da obra desses artistas como Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz, Jorge Aragão, Almir Guineto, Sobrinha, Fundo de Quintal, Luiz Carlos da Vila, Jovelina Pérola Negra, entre outros. E eternizou-se como a Madrinha do Samba (Bruno, 2022, p. 13).

A artista exerceu uma função de mediação na trajetória dos sambistas dos Cacique de Ramos, o disco em questão é essencial para a compreensão do estilo de compor e tocar sambas da geração do Cacique de Ramos. Nesse sentido, o livro de Leonardo Bruno, ao nos apresentar a história do referido disco e suas características enquanto linguagem artísticas, reconhece e evidencia, não apenas o lugar de Beth Carvalho na História do samba, mas de muitos outros sambistas do Cacique de Ramos.

A obra está estruturada em quatro capítulos. *A Santíssima Trindade do samba* é o primeiro deles. Nele entendemos um pouco a respeito do lugar do samba no mercado fonográfico nos anos 1970, sambistas como Martinho da Vila, Clara Nunes, Paulinho da Viola, Alcione e Beth Carvalho representavam sucesso na venda de discos.

Nas décadas anteriores, a realidade era diferente para os e as artistas do samba. Uma exceção foi o primeiro LP de Marinho da Vila, de 1969, que vendeu 400 mil cópias, naquela época a venda de 70 mil cópias de discos já era considerada como satisfatória (Bruno, 2022, p. 15). Os anos 1970 foram um período favorável para os e

as sambistas. João Nogueira, Dona Ivone Lara, Roberto Ribeiro, Candeia, Velha Guarda da Portela, Leci Brandão, Cristina Buarque, Áurea Martins, Mano Décio da Viola, Luiz Ayrão, Jorginho do Império, Dicró, Chico da Silva, Zuzuca, Gisa Nogueira, Agepê, Aluísio Machado, Silvinho do Pandeiro, Bezerra da Silva, David Corrêa e Monarco lançaram seus discos nesse período, mesmo artistas consagrados como Cartola, Nelson Cavaquinho, Carlos Cachça e Nelson Sargento encontraram uma oportunidade de lançaram seus álbuns solo (Bruno, 2022, p. 17).

O início da carreira de Beth Carvalho deu-se com a sua participação nas rodas de Bossa Nova, e não nas de samba, as quais, posteriormente, tornou-se frequentadora assídua. Ela, pertencente à classe média carioca e moradora da Zona Sul, passou a acompanhar Vânia, sua irmã mais velha que já era cantora, “nos encontros dos ‘adoradores de João Gilberto’” – um grupo de jovens, que na década de 1960, passava as noites tentando reproduzir em seus violões os sons e as batidas do mestre da Bossa Nova. Nessa conjuntura ela lançou seu primeiro compacto pela RCA Victor. Considerava esse início de sua carreira como uma “indefinição de contornos” (Bruno, 2002, p. 18). A aproximação com os caciqueanos definiu muitos dos contornos que marcaram a sua obra enquanto sambista.

Na segunda metade da década mencionada, também participou dos festivais de música. Ela conquistou uma projeção nacional ao interpretar Andança, acompanhada pelos Golden Boys, no III Festival Internacional da Canção, em 1968. Na década seguinte, aproximou-se do samba. No fim de 1971, gravou o samba-enredo, “Rio Grande do Sul na festa do preto forro” (Nilo Mendes/Dario Marciano), da Unidos de São Carlos (Bruno, 2022, p. 19). Em 1973, lançou o LP *Canto por um novo dia*. Seu primeiro samba que alcançou sucesso foi “1.800 colinas”, no ano seguinte. Além de reconhecer e proporcionar a visibilidade de novos compositores na cena musical, Beth também tem o mérito de gravar músicas de “grandes compositores ‘da antiga’” (Bruno, 2022, p. 20).

Os seus discos contribuíram para o processo de popularização do samba. Em seus discos é notável a presença de composições da Velha Guarda da Portela, ela é a cantora que mais gravou músicas desses compositores. Compositores da Império Serrano foram também, dentre outros sambistas, gravados pela artista, que no ano de 1974 lançou um novo disco, *Pra seu governo*, nome da música gravada de Haroldo Lobo, um sucesso do Carnaval da década de 1950 (Bruno, 2022, p. 21).

O interesse de Beth Carvalho por reconhecer a produção de compositores de diferentes gerações imprime em sua obra artística a valorização do passado, além do intuito de projetar os novos caminhos possíveis para a música brasileira, sobretudo, para o samba. Ela é a principal artista que fincou o pé na tradição (Bruno, 2022, p. 22) e mediou um processo que cominou com a projeção do que ficou conhecido como um novo movimento musical.

Em *O encontro com a tamarineira*, somos levadas e levados para a atmosfera do Cacique de Ramos. Um dos méritos do livro de Bruno é reconhecer o lugar dos caciqueanos na História do samba, para além do papel importante de mediação exercido por Beth Carvalho. O Bloco de Cacique de Ramos foi criado no dia 20 de janeiro de 1961 “por um grupo de jovens da Zona Norte carioca” (Bruno, 2022, p. 24).

Beth recebeu o convite de Alcir Portella, ainda nos anos 1960, para ir à quadra do Cacique. Nela um grupo de amigos reunia-se às quartas-feiras para jogar futebol, tocar samba, comer e beber cerveja. Na contracapa do primeiro disco do Grupo Fundo de Quintal de 1980, Beth relata as suas primeiras impressões ao estar no Cacique de Ramos: “Ao chegar me apaixonei à primeira vista: uma quadra aberta, uma tamarineira, uma tendinha, mesinhas da Brahma forradas com jornal, uns jogando pelada, outros tomando uma cervejinha gelada, um churrasco e o couro comendo” (Bruno, 2022, p. 27).

O estilo e a sonoridade dos sambas dos caciqueanos são dotados de um ineditismo, eles representam uma espécie de “potência criadora” (Bruno, 2022, p. 29), que a partir da informalidade dos encontros animados e calorosos entre amigos, promoveram uma renovação na linguagem do samba. Novos instrumentos passaram a ser tocados por eles: Ubirany criou o repique de mão, o tantã e o banjo completaram a inovação instrumental do grupo.

O Cacique de Ramos tornou-se um espaço aberto e criativo para os compositores de samba. Bruno reconhece, dentre outros, como Almir Guineto era um sambista completo (Bruno, 2022, p. 31). Os sambistas das escolas de samba frequentavam as rodas de samba dos caciqueanos impelidos pela atmosfera inovadora que elas entonavam. Não demorou para que elas se tornassem populares na cena do samba carioca (Bruno, 2022, p. 38-39).

Beth Carvalho conseguiu construir uma relação de proximidade com os sambistas do Cacique. Em entrevista ao autor, confessa que o fato de tocar violão facilitou a conexão criada com eles:

Quando preciso eu converso com os músicos na língua deles, porque eu também sou músico. Sempre tive essa relação forte com os compositores. Sou fiel à obra deles, não invento nota, canto a música como eles mostram. Eu respeito a obra que eles fazem” (Bruno, 2022, p. 39).

A quadra do Cacique de Ramos tinha como característica o fato de ter a presença predominante masculina. Posteriormente, um banheiro feminino foi construído (Bruno, 2022, p. 42), devido à presença de mulheres sambistas. Além de Beth Carvalho, destaco a de Jovelina Pérola Negra. O prestígio da sambista, como ela mesma reconhece, pode ter contribuído com fato de sua inserção nas rodas de samba dos caciqueanos.

Naquela época eu já era “a Beth Carvalho”. Era muito conhecida, então não era uma mulher qualquer chegando lá. Quando pisei no Cacique, só tinha homens, e era a única mulher. E eles me aceitaram muitíssimo bem, até porque tinham o maior interesse que eu gravasse alguma coisa. (...) A rapaziada sente no corpo e na alma da gente quem é do samba e quem não é. Eu não tive fechamento nenhum nesse meio “masculino”, só abertura e muito carinho (Bruno, 2022, p. 41).

Beth com o seu “capital cultural”, por já ser uma artista consagrada, conseguiu construir uma relação de confiança com os sambistas do Cacique, pois ela poderia contribuir com a visibilidade deles. É importante ressaltar, apesar da breve menção no livro, a solidão naquele contexto da mulher sambista. O disco *De pé no chão* contou apenas com a presença de músicos homens, assim como os profissionais do estúdio. As mulheres estiveram presentes apenas no coro e na ambientação. Em seu disco de 1979, *No pagode*, possivelmente por perceber e incomodar-se com essa situação, Beth Carvalho fez uma dedicação às pioneiras do samba (Bruno, 2022, p. 42-43).

O terceiro capítulo, *A revolução chega às ruas*, é voltado para o processo de gravação do disco, a sua recepção e os desdobramentos que ocasionou na música brasileira à época. O produtor Rildo Hora, em um primeiro momento, não queria que os sambistas do Cacique participassem da gravação do disco de Beth, mas aceitou que suas músicas compusessem o novo LP da artista, pois reconheceu a qualidade delas (Bruno, 2022, p. 47). Contudo, ela insistiu por querer que a sonoridade criada no Cacique estivesse presente em *De pé no chão*.

O produtor atendeu à vontade de Beth. Como a maioria dos sambistas do Cacique ainda não possuía registro como músicos profissionais, foi necessário encontrar uma alternativa para que pudessem ser contratados. Assim, o arregimentador Gilberto D'Ávila encontrou a solução, eles receberam seus cachês por meio do único da turma, Sereno, que possuía o registro profissional (Bruno, 2022, p. 49).

O produtor musical não sabia ao certo como o “som sujo” dos sambistas seria captado pelos canais na gravação. Criou-se no estúdio a atmosfera das rodas de samba do Cacique (Bruno, 2022, p. 50-51). Diante dessa nova experiência de gravação representada pela presença dos sambistas caciqueanos, os técnicos de estúdio tiveram um papel fundamental para que o disco de Beth Carvalho se tornasse um emblema de uma revolução musical. A ponto da cantora o dedicar a Luiz Carlos T. Reis – um dos técnicos envolvidos em sua gravação (Bruno, 2022, p. 55).

Como reconhece Leonardo Bruno, a grande estrela do disco foi a batucada do Cacique de Ramos, entretanto, ele também traz uma mistura da sonoridade dos sambistas caciqueanos com elementos da base musical que podem ser notados em discos anteriores de Beth Carvalho (Bruno, 2022, p. 55).

O autor reserva um espaço no capítulo para escrever sobre cada faixa do disco e seus compositores. Nesta resenha, menciono apenas os títulos e as autorias. O lado A do disco é composto pelas seguintes músicas: “Vou festejar” (Jorge Aragão/Dida/Neoci); “Visual” (Neném/Pintado); “Ô, Isaura” (Rubens da Mangueira); “Marcando bobeira” (João Quadrado/Beto Sem Braço/Dão); “Meu caminho” (Nelson Cavaquinho/Guilherme de Brito); “Goiabada cascão” (Wilson Moreira/Nei Lopes). E o lado B por “Você, eu e a orgia” (Candeia/Martinho da Vila); “Lenço” (Monarco/Francisco Santana); “Passarinho” (Chatim); “Linda borboleta” (Monarco/Paulo da Portela); “Que sejam bem-vindos” (Cartola); “Agoniza, mas não morre” (Nelson Sargento) (Bruno, 2022, p. 60).

De pé no chão foi lançado na última semana de setembro de 1978 e foi um sucesso de público e crítica. Entre os destaques do disco, esteve a música “Vou festejar”. Paulinho da Viola, Roberto Ribeiro, Clara Nunes e Dona Ivone Lara foram outros e outras artistas do samba que conquistaram sucesso no referido ano, assim como o disco de Beth Carvalho (Bruno, 2022, p. 90). O contexto na cena cultural nacional na década de 1970 também era marcado pelo sucesso da Disco Music.

A obra de Beth Carvalho, para além do disco mencionado, é marcada pela personalidade da artista, com um olhar apurado e sensível para as escolhas das canções para os seus álbuns e por ter um papel decisivo no processo de produção e gravação deles, o que contribuiu para o que Bruno denomina um conceito que os caracteriza (Bruno, 2022, p. 91).

Por fim, em *Uma história do pagode*, o autor demonstra como o disco de Beth Carvalho impulsionou o “movimento do pagode” dos anos 1980, enfatizando o impacto que ele gerou na música nacional consagrando a artista, conforme o mencionado, como “Madrinha do Samba”. O disco em questão é considerado com um símbolo do batismo do pagode (Bruno, 2022, p. 95).

Outros artistas passaram a gravar as composições dos caciqueanos e o surgimento do Grupo Fundo de Quintal possibilitou a ampliação da inserção desses sambistas no mercado fonográfico consolidando a presença deles. Em 1980, lançaram o disco *Samba é no fundo do quintal*². O grupo simboliza, ao mesmo tempo, uma renovação do gênero, mas sem se desvincular da tradição de sua História (Bruno, 2022, p. 102). O marco inicial do grupo é associado ao lançamento do disco de Beth Carvalho, em 1978.

Um outro disco que é considerado um marco do pagode carioca dos anos 1980 é o *Raça Brasileira*, de 1985, produzido por Milton Manhães. Ele é um tipo de gravação que era chamada de “pau de sebo”, pois reunia diferentes artistas e era uma forma de testar suas popularidades diante do público. Zeca Pagodinho, Pedrinho da Flor, Mauro Diniz, Elaine Machado e Jovelina Pérola Negra participaram do icônico álbum (Bruno, 2022, p. 112-113). Depois, alguns discos solos foram lançados.

O disco *De pé no chão* promoveu uma mudança comportamental e influenciou no processo de projeção do pagode. O ano de 1986 é marcado por um recorde de venda de discos de artista do gênero. A gravadora RGE teve uma significativa importância para a inserção desses sambistas no mercado fonográfico. Este percebeu que as e os sambistas do Cacique de Ramos eram artistas “prontos” e “prontas”. Não eram produzidos e produzidas, e sim natos e natas (Bruno, 2022, p. 116-117).

O gênero conquistou uma grande projeção para além dos discos gravados e shows realizados. Entre os anos 1984 e 1985, a TV Globo exibiu a novela Partido Alto;

² Em novembro de 2022, a editora Malê lançou a biografia *Fundo de Quintal: O som que mudou a história*, escrita por Marcos Salles.

o especial de final de ano de Roberto Carlos de 1986 contou com a presença de alguns sambistas do Cacique de Ramos, entre eles estava Jovelina Pérola Negra; a TV Manchete gravou o show *Apoteose do pagode* no Sambódromo carioca, também no ano de 1986. Todavia, esses artistas, apesar de todo o sucesso, estiveram ausentes no programa *Globo de Ouro*, do ano mencionado.

De acordo com o autor, o Cacique de Ramos representou um projeto coletivo – um movimento musical – que extrapolou os espaços da quadra de samba onde se reuniam (Bruno, 2022, p. 120). O termo pagode continuou sendo utilizado nos anos 1990 para denominar uma nova proposta sonora de grupos que surgiram na cena musical a partir de então. Embora a proposta sonora e estética, distancie-se da representada pelos caciqueanos. A nova roupagem do pagode dos anos 1990 conquistou também um sucesso no mercado musical brasileiro. Sambistas das novas gerações como Dudu Nobre e Xande de Pilhares exaltam suas inspirações no Cacique de Ramos, o que demonstra que, apesar das mudanças, o gênero gestado no Cacique de Ramos, com as suas inovações e especificidades, tem o seu lugar reconhecido na História do samba.

No primeiro DVD de Beth Carvalho, gravado em 2004, *A Madrinha do Samba Ao Vivo Convida*, ela regravou músicas de sua carreira, entre elas, a maioria do disco *De pé no chão*. Em 1º de setembro de 2018, iniciou-se a pequena turnê do show de comemoração dos 40 anos do disco *De pé no chão*. Os integrantes remanescentes da formação inicial do Fundo de Quintal, Sereno, Ubirany e Bira Presidente estavam presentes. Por complicações dos problemas em sua coluna, Beth Carvalho realizou o show deitada. Em sua declaração, após a primeira música tocada no show: “Estou muito feliz por estar aqui muito tempo sentada, então pedi à produção para trazer esta *chaise longue*. Assim como existe ‘Na cama com Madonna’, agora tem ‘Na cama com Beth Carvalho’” (Bruno, 2022, p. 138).

O livro de Leonardo Bruno, inserido em uma tendência crescente de biografias de artistas da música brasileira, não é só sobre um momento da carreira de Beth Carvalho é sobre uma geração de sambistas que renovou o gênero samba na História da música nacional. A presença de Beth Carvalho é marcante nesse momento da História de nossa música, assim como a deles. Nesses caminhos da vida, ela chegou até o Cacique de Ramos. Uma sorte tanto para ela quanto para os caciqueanos que esse encontro ocorreu. E para as gerações posteriores que têm acesso aos seus legados.